

# BRASIL-PORTUGAL

16 DE DEZEMBRO DE 1905

N.º 166

... «Zóilos, trewei! Posteridade, és winha!»  
BOCAGE.



Monumento a Manuel Maria de Barbosa du Bocage, erigido em Setúbal, no dia 21 de dezembro de 1871



# BOCAGE

21 de dezembro de 1905

**O** *Brasil Portugal* consagra hoje algumas das suas paginas á memoria de Manoel Maria de Barbosa du Bocage, o mais populal dos nossos poetas.

Passa no dia 21 o primeiro centenario da sua morte, e é justo que, para commemoral-o contribuam todos aquelles que mourejam nas letras, que dão para o edificio da arte o contingente da sua propaganda, do seu valor e dos seus serviços, todos aquelles que teem a peito o engrandecimento da patria apontando ás gerações que passam os portuguezes illustres que pelo talento a serviram e nobilitaram.

A acção commemorativa da obra litteraria e do nome glorioso de Bocage, ha tantos annos iniciada, prolonga-se agora

mais negro e imperdoavel esquecimento sobre o nome popula-  
rissimo do poeta.

Esses nomes são os de: ANTONIO JOSÉ PACHECO que em 1855 construiu em Setubal o theatro *Bocage*; MANOEL MARIA PORTELLA, que por todas as formas tem contribuido para a glorificação do poeta do Sado e a cuja iniciativa se deve a lapide collocada em 10 d'abril de 1864, na casa da rua de S. Domingos em que Bocage nasceu; ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO, o cego vidente, principe das letras, e seu irmão JOSÉ FELICIANO, aos quaes se deve a erecção do monumento, que illustra uma das nossas paginas, e que se effectou no dia 21 de dezembro de 1871; THEOPHILO BRAGA,



*Manoel Maria de Barbosa  
du Bocage*

n'uma revivescencia do espirito nacional que não quiz deixar passar o dia 21 de dezembro sem prestar por todas as formas do culto cívico a sua homenagem e o testemunho do seu reconhecimento á memoria d'aquelle que arrancou sons divinos á sua lyra sonora e deu á litteratura patria um cunho de belleza poetica, de inspiração sublime e de forma impecavel, que a assignalou e fez brilhar entre as litteraturas do seculo XVIII.

Setubal, a formosa cidade do Sado, ufana-se de ser o berço natal de Bocage, e, em festas triumphaes, pretende mostrar no dia do primeiro centenario da morte do poeta, que não esquece os seus filhos que lhe deram lustre e fama, e que considera Elmano, o divino Elmano, o maior entre todos.

E n'estas columnas, onde queremos que fiquem registadas as iniciativas e os resultados dos que teem promovido a glorificação de Bocage, é de toda a justiça indicar alguns nomes. São os d'aquelles a quem se deve o trabalho de reconstituição historica e de viva propaganda, sem as quaes teria pairado o

o escriptor erudito e benemerito, que tanta luz tem espalhado sobre a vida e a obra de Bocage e que foi quem lançou a primeira pedra na celebração d'este centenario, porque foi elle o primeiro a suggeril-o e a advogal-o; aquelles que constituem a PATRIOTICA COMISSÃO SETUBALENSE DO CENTENARIO; e um nome ainda se impõe á justiça imparcial: o do general HENRIQUE DAS NEVES que em Lisboa se não tem poupado a esforços de toda a ordem, ora collaborando em jornaes, ora fornecendo para outros, como, por exemplo, para esta Revista, elementos constitutivos da gloria do poeta, ora apellando para a iniciativa individual, afim de que no dia 21 d'este mez a patria não deixasse de pagar uma divida de gratidão á memoria de Barbosa du Bocage.

Os artigos consagrativos que publicamos hoje, firmados por nomes illustres, as gravuras que inserimos, e os sonetos que reproduzimos, de Elmano são o nosso tributo, a quota parte da nossa homenagem, o ramo de flores que o *Brasil-Portugal* vem depôr no luminoso pedestal da estatua do poeta.



## Bocage e as ideias revolucionarias

**N**ão é ao improvisador e satírico Elmano que o espirito moderno presta a consagração centenal, incorporando-o entre os vultos do seculo mais audacioso da Historia; é á alta individualidade, que, inspirando-se nos sentimentos generosos da Revolução, foi em Portugal um dos mais perseguidos pela reacção contra as idéas francezas.

Bocage resgatou-se n'esta época da sua vida de todo um pas-



Theophilo Braga

(Foi este eminente escriptor quem lançou a ideia da celebração do Centenario de Bocage, em carta ao poeta de Setubal, M. M. Portella, carta de que transcrevemos estas palavras :

«Em 21 de dezembro de 1905 completa-se um seculo sobre a morte de Bocage. Setubal não pode esquecer esta data sem desdouro. Já em 1901 se perdeu a data para a celebração do grande setubalense Joaquim Sũcetre Serrão. A do Centenario de Bocage não se perderá assim e, segundo cremos, tudo se prepara para que essa homenagem seja digna do grande Elmano Sadino.»

sado de desvairamento; o esplendor do talento poetico concitou rivalidades, que o envolveram na rãde do arbitrio policial, salvando-se pela interferencia dos admiradores, e tornando-se um

protesto da consciencia portugueza na época do mais crasso despotismo.

Quando Bocage chegou a Lisboa em Agosto de 1790, no seu regresso da India, veio encontrar a noticia de extraordinarios successos, passados na Europa, n'essa terrivel explosão temporal da dissolução do regimen monarchico e theocratico. A Revolução franceza era para a sua alma insubmissa um deslumbramento, e o poeta não occultou os sentimentos que esses successos suscita-



Gravura de Bartolozzi, contemporaneo de Bocage.

(...retrato pintado do natural, quando Bocage, já nas ultimas do aneurisma que o levou, ensaiava os seus derradeiros carmes, tão sentidos sempre, tão vigorosos ainda — Julio de Castilho — «Lisboa Antiga», t. III, 2.ª edição.)

vam, dando assim pretexto para que, nas luctas litterarias em que se achou envolvido na *Nova Arcadia*, os mediocres se vingassem denunciando o a Pina Manique, enredando-o nas monstruosidades da Intendencia da Policia; elle o declara em um Soneto:

«Mas, turba vil, que abato, ancelo, inquieto,  
Urde em meu damno abominavel trama.»

Quando Bocage regressou á patria, era o assumpto das conversações prohibidas a constituição da Assembléa Nacional em 17 de Junho de 1789; a sua lucta com o rei; a tomada e destruição da



Setubal. — Vista do mar



Bastilha a 14 de Julho d'esse anno; a abolição dos privilegios, a 24 de Agosto; a suppressão das gabelas, a 21 de Março de 1790; a instituição do Jury, a 5 de Abril; a alienação dos bens nacionaes, em 13 de Maio; o voto da Assembléa Nacional para que se levantasse uma estatua a Rousseau. Em uma sociedade atrophiada sob o suspicaz governo paternal, estes acontecimentos eram signaes precursores do fim do mundo. As largas viagens de Bocage, com os desastres da sua vida errante davam-lhe um criterio mais claro para comprehender o que se estava passando; os vãos de seu entusiasmo irreflectido iam-o tornando suspeito, e nos Sonetos que improvisava e se repetiam pelos botequins dava fundamento para



Setubal. — Casa em que Bocage nasceu, Rua de S. Domingos 10, 1.<sup>o</sup>  
(N'esta casa está hoje installada uma escola municipal)

as terríveis arbitrariedades. O Soneto que tem a rubrica *Contra o Despotismo* celebra a queda das velhas instituições catholico-feudaes. As excursões a Setubal aggravavam-lhe a exaltação pela Liberdade; Setubal era considerada por Manique como o fóco d'onde diffluiam por todo o reino os livros estrangeiros ou revolucionarios. Em uma Carta de 11 de Junho de 1791, dirigida ao ministro José de Seabra, pede Manique providencias promptas, porque: "no porto de Setubal se introduzem muitos contrabandos, pacotes de livros impios, e desembarcam alguns passageiros, tanto portuguezes como estrangeiros, sem que se legitimassem pela Policia....". A impressão dos principaes successos da Revolução franceza existe fixada nos versos de Bocage; vibravam na sua bella alma, que possuia o dom, como o confessou lord Beckford, de governar a seu capricho as impressões dos outros. A poesia era a expressão do estado do seu espirito revoltado; feria inconscientemente com as satiras pessoaes, e dava largas á liberdade de pensamento d'esse negativismo critico do seculo XVIII.

Manique ouvia cantar o *Cà ira* debaixo das janellas do palacio da Ajuda, e as noticias de França tornavam-o implacavel na repressão. A 21 de Setembro de 1792 tinha sido inaugurada a Convenção Nacional, proclamada a Republica, e abolida a Realeza em França; a 8 de Dezembro decreta a Convenção que Luiz XVI seja julgado por ella. Depois da execução de Luiz XVI em 21 de Janeiro de 1793, é que o intendente Manique começa a ordenar as prisões contra os portuguezes suspeitos por adherirem por qualquer palavra ou menção ás *Idéas francezas*.

São de 1794 os conflictos de Bocage na *Nova Arcadia*, e esses rancões litterarios acirraram-lhe com denuncias os terrores do Manique. Bocage celebrou em uma sentida Elegia a morte de Marie Antoinette, guilhotinada aos 16 de Outubro de 1793; como verdadeiro poeta, sensibilisa-o essa monstruosidade:

Que victima gentil, muda e serena  
Brilha entre espesso, detestavel bando,  
Nas sombras da Calumnia que a condemna!

Apezar de dispender o seu estro nas banalidades dos Motes inspidos dos abbadeçados e luminarias reaes, de longe em longe e impulso das liberdades suscitava em Bocage alguns Sonetos, que vinham apressar-lhe a ruina. Basta lêr este Soneto *Aspirações do*

*Liberalismo*, excitado pela Revolução franceza e consolidação da Republica em 1797, para vêr como o espirito jacobino o hallucinava:

Liberdade, onde estás? Quem te demora?  
Quem faz que o teu influxo em nós não caia?  
Porque (triste de mim!) porque não raia  
Só na esphera de Lysia a tua aurora?

Da santa redempção é vinda a hora  
A esta parte do mundo que desmaia;  
Oh! venha... oh! venha, e trémulo descaia  
Despotismo feroz que nos devora!

Eia! accode ao mortal, que frio e mudo  
Occulta o patrio amor, torce a ventade,  
E em fingir, por temor, empenha o estado.

Movam nossos grilhões tua piedade;  
Nosso numen tu és, e gloria, e tudo,  
Mãe de genio e prazer, oh Liberdade!

Quem observar o quadro da propagação da idéa revolucionaria em Portugal, sentirá quanto este Soneto de Bocage exprime; desde 1793, em que deplora a execução de Marie Antoinette, até 1797 a sua vida foi um esforço inaudito para abafar os impetos da liberdade, que o hallucinavam: bebia, fumava, acudia a todos os Outeiros poeticos, aturdia-se, lisonjeava os prepotentes, para se não perder. Porfim a consolidação da Republica transportou o, quebrou o jugo das conveniencias, não temendo o espantinho do ferrenho Manique, celebrando em um Soneto os successos de Bonaparte invadindo os Estados pontificios de Pio VI.

Qualquer dos Sonetos que Bocage improvisava sobre esses extraordinarios acontecimentos contemporaneos lhe abria as marmoras da Inquisição, por conterem impiedades; infelizmente o tribunal do fanatismo estava então mais suave do que a Policia do Cesarismo. Facil foi ao Intendente Manique obter dos inimigos litterarios de Bocage a denuncia das suas poesias *sediciosas e incendiaras*. Bocage presentindo o golpe fugira para bordo da corveta *Ariso* que estava a largar para a Bahia; ahí foi agarrado. Na ordem do



Setubal — Rua de S. Domingos,  
onde está a casa em que nasceu Bocage

Intendente para a apprehensão dos seus papeis ao Juiz do Crime do Bairro de Andaluz, lê-se esta informação:

"Consta n'esta Intendencia, que Manoel Maria Barbosa de Bocage he o auctor de alguns papeis impios, sediciosos e criticos, que n'estes ultimos tempos se tem espalhado por esta côrte e reino; que he desordenado nos costumes, que não conhece as obrigações da religião que tem a fortuna de professor, e que ha muitos annos não satisfaz aos sacramentos... Vocemecê logo por meio de uma devassa procederá a averiguação d'estes factos para legalisar a verdade d'elles, fazendo-lhe apprehensão em todos os papeis, assim manuscriptos como impressos, e ainda n'aquelles que estiverem em poder de terceiros, seus sequazes, que devem ser igualmente



prezos, e averiguada a sua vida e costumes, para vêr se imitam por elles o referido Manoel Maria Barbosa de Bocage, que foi prezo a bordo da corveta denominada — Aviso — a qual sahio para a Bahia com o comboio, que proxivamente partiu d'este porto, por cuja fuga dá mais claros indícios de ser réo dos delictos de que havia sido denunciado n'esta Intendencia. E' de 10 de agosto de 1797 este documento. Bocage morava então em casa de André da Ponte de Quental, cadete do regimento da armada, que tambem foi preso, não renegando a sua amisade com o poeta. Quarenta e tres dias jazeu Bocage no segredo do Limoeiro, requerendo para ser entre-

n'esta cõrte pelas suas poesias, e não menos que pela sua instrucção. Em 24 de março foi Bocage transferido para o Hospicio das Necessidades, onde encontrou o poeta Frei Joaquim de Foyos e o Conde de San Lourenço, entregando-se ahi a estudos litterarios; d'ahi sahio solto em 1798. A sua vida foi uma dura epoca de privações; o sabio allemão Link dá noticia d'elle: "ainda vive, mas pobre e desgraçado; segue o exemplo de Camões, e já foi á India procurar fortuna. Não se lhe pode negar um talento distinctissimo; sempre senhor da sua dicção, a sua expressão é concisa e energica. . . e embora transpareça na maior parte das suas poesias um colorido melancolico, elle exprime-se sempre com força e vigor. Na censura do Desembargo do Paço, por Christiano Muller no tomo II das *Rimas*, proclama-se Bocage "um raro talento, que lhe assegura um logar distincto entre os vates insignes lusitanos, aos quaes a posteridade ainda fará justiça. Poesias ternas que penetram o coração, e onde de vez em quando luzem vislumbres de esclarecida philosophia, cativando a participação dos espiritos mais meditativos do que sentimentaes. . . ."

No elogio de Link é significativa a comparação de Bocage com Camões; é por que se revelara como um representante da nacionalidade. Mais tarde sob a comprehensão de uma outra epoca litteraria, Herculano empregava a mesma comparação: "Depois de Camões, Bocage foi o nosso primeiro poeta popular; como Camões, foi pobre, foi criminoso e foi malfadado; adormeceu como elle muitas vezes no balouçar das vagas do oceano, e como elle orvalhou de lagrimas o pão do desterro, e *vem morrer na patria sobre a enxerga da miseria.*"

Na sua morte, coincide uma tremenda catastrophe nacional, que o assemelha ao paroxismo de Camões: o cantor dos *Luziadas* expira antes da invasão do exercito de Philippe II em Portugal, e Bocage morre sem ter testemunhado a invasão do exercito napoleonico e a deserção de Dom João VI. Em volta de Camões agruparam-se os partidarios da independencia nacional, e foram os amigos de Bocage os que soffreram e morreram preparando ou sustentando o admiravel movimento revolucionario de 1830, que impelliu Portugal para a corrente da civilização moderna.

THEOPHILO BRAGA.



Setubal. — Quarto em que Bocage nasceu, 1.º andar da casa n.º 10, na rua de S. Domingos

gue á Inquisição á qual foi enviado em 7 de novembro de 1797. No officio ao Inquisidor Geral D. José Maria de Mello, expõe Manique as causas da prisão de Manuel Maria: "e apprehendidos os papeis, entre elles se achou um, que se intitula: *Verdades duras*, e principia: *Pavorosa illusão da eternidade*, e acaba: *De opprimir seus eguaes com o ferreo jugo*, como consta do auto da achada. . . . A Inquisição, menos feroz do que a Intendencia mandou recolher Bocage no mosteiro de Sam Bento, para ahi ser doutrinado; consta pelo livro do Dietario do mosteiro que o poeta dera alli entrada em 17 de fevereiro de 1798, depois de tres mezes e dez dias na Inquisição. No Dietario chama-se-lhe: "o celebre Poeta Manoel Maria de Bocage, bem conhecido



Tyranno Céu, que ideias concebeste  
Quando formaste os miseros humanos?  
Se os querias sem erros, sem enganar,  
Féras paixões porque razão lhes deste?

Se gastar desde o berço lhes fizeste  
Da impia desgraça os sanguinosos damnos,  
Como no espaço de milhares de annos  
Mudaria seu sêr, se foi sempre este?

Impia lei, tyranna atrocidade,  
Quanto fôra melhor que em sombra escura  
Dormisse eternamente a humanidade!

Razão funesta, tua luz se obscura;  
Sonhas em vão achar felicidade:  
É de humanos partilha a desventura!

BOCAGE.

(Este soneto é de um manuscrito dado á estampa por Theophilo Braga).



Setubal. — Outro aspecto — Vista do caes



# Bocage nos cafés

Paris teve sempre o monopólio dos cafés litterarios. O famoso café Procopio tinha Voltaire e Rousseau por clientes infallíveis. Mais tarde, converteu-se em club revolucionario, e Marat ia, entre duas partidas de dominó, perorar ali com Danton, Fabre d'Eglantine e Hébert. No Segundo Imperio — o carnaval napoleónico, — o Procopio ouviu as vozes de Gambetta, Floquet, Ferry e Spuller, que ensaiavam a sua eloquencia parlamentar, essa eloquencia que, entre nós, é o mais caro e o mais enfadonho de todos os ruidos; e, nos fins do seculo passado, estremeceu ainda com as purpuras estrophes recitadas por Verlaine e outros homens de toutiço. O café de Suecia abrigou Henri Mürger, o radical bohemio, o poetico amante de Mimi-Pinson, pallida como Ophelia e loira como os *pasteis* de Lancret, heroína litteraria que no livro do escriptor é, não uma mulher, mas uma



Pinto de Carvalho (Tinop)

allegoria da mocidade, tal se phantasiava no tempo do romantismo. O café de Paris teve a honra de admirar as bebedeiras imperiaes de Musset e de lhe ouvir a verídica historia d'essa Marion, que o grande poeta amou e cantou, indo encontra-la, por derradeiro, no gynecceu venal de uma correitora de caricias. No café de Bade, escutava-se a ironia pamphletaria e a substancial elegancia litteraria de Scholl, Barrière, Roqueplan, Paulo de Saint-Victor e Houssaye. No café de Bucí, atirava Julio Vallès os seus primeiros paradoxos de anarchista e escrevia Gustavo Planché os seus artigos para a *Revista dos Dois Mundos*. A's mezas do café dos Italianos encontravam-se Banville e o Doutor Véron, um farcista que deu a verdadeira formula do réclamo moderno: — *Prenez rien du tout, annoncez le beaucoup et vous en vendrez énormément*. Em 1868, as grandes reputações dos pequenos

talentos da palavra e da penna formam-se no café de Madrid, em cujas mezas ferve a cerveja e se opalisa o absintho. Os advogados sem clientes aguardavam ali o momento de se tornarem conhecidos pelas suas catilinarias e philippicas de tribunos populares, e foi ali que desabrochou a fama oratoria de Gambetta. Traçámos, em duas pennadas, o papel representado pelos cafés litterarios em Paris. Em Lisboa, o caso muda muito de figura. No seculo XIX, a capital apenas teve dois cafés litterarios: o Marrare de Polimento e o Martinho. No seculo XVIII, quasi que não teve cafés mercedores de semelhante classificação. Os botequins da rua Nova não podiam aspirar a honras tão subidas, por serem apenas frequentados pelos mercantes, exceptuando-se o do Casaca, que era infestado pelos pintalegrêtes. No Rocio, é que houve dois cafés litterarios: a loja do Nicola e o botequim *das Parras*, mas este já no seculo XIX. Ao Nicola confluíam os emigrados, que se encontravam em Lisboa ao cerrar do seculo XVIII. Citaremos, por exemplo, o general republicano francez Roger, hospedado na Casa de Pasto da rua dos Canos, que deu algumas preoccupações á policia.

O Pina Manique punha a mira no Nicola e repontava com outros botequins suspeitos, com as casas de pasto e com os bilhares. Para elle, o chapéu alto, a ultima moda parisiense, era um indicador segurissimo das opiniões liberaes dos seus portadores. Temia os clubs que se faziam na praça do Commercio, onde se juntavam "cerebros esquentados e bota-fogos". Arreceiava-se de Darbault, delegado da Convenção Nacional, que se alojava na estalagem dos Caldas e depois se mudara casa de um cabelleireiro da rua do Carvalho, onde o visitavam cabelleireiros, ourives e livreiros francezes. Arredrontava-se com as cantorias subversivas nas casas de pasto da rua dos Romulares e da rua Formosa, onde se dizia que a arvore da liberdade devia substituir a estatua equestre no Terreiro do Paço. No intuito de aterrorisar o Principe Regente, levantava escarcões por bagatellas, fazia abalos por cantarejos de gallos. Por isso pregava no *estarin* com os estrangeiros que se approximavam inadvertidamente do Paço de Queluz, fazendo logo correr que elles preparavam algum crime de primeira cabeça, algum ataque contra a corôa. Entrementes, os espiões da Intendencia mettam-se como pioho por costura, não deixavam pôr pé em ramo verde e não largavam de olho os forasteiros e os valdevinos que andavam por ali á tuna. O maçonismo, trazido de Inglaterra pelos regimentos ingiezes, soffria tenaz perseguição, tendo o Manique commettido essa incumbencia a José Anastasio Lopes Cardoso, Corregedor do Bairro-Alto, o mesmo que, investido nas funcções de ajudante do Intendente, representou tão relevante papel no descobrimento da primeira conspiração que D. Carlota Joaquina tramou para arrancar o governo a seu marido. A diffusão das doutrinas maçonicas, entre nós, já fôra anteriormente tentada por outros propagandistas fo-

rasteiros, que o Manique fazia catrafilhar pelos galfarros, n'um lambisco, e corria logo a toque de caixa ou mandava n'um cavallinho de pau pela barra fóra. Entre elles, contaram-se Francisco Giles, Dorignhi, La Marche e um que veio aqui em 1783, mascarado de aristocrata, o archi-celebre Cagliostro, que o talento brilhantissimo de Carlos Malheiro Dias acaba de evocar á luz da ribalta.

Bocage foi um importante *habitué* do Nicola, postoque, affirma a tradição, elle frequentasse tambem depois, lá de vez em onde, outros botequins, que actualmente emparelhariam com os de *lépes*, como eram o botequim *dos Macacos*, ainda hoje existente na Ribeira Nova, e o café da Marinha. Bocage ao tomar conhecimento de uma satyra que José Agostinho de Macedo lhe desembestara, entrou, encanizado, todo escamado, no Nicola e, na congestão da colera, dictou ao morgado de Assentiz a famosa *Pena de Talião*, em que o genial improvisador talionava cruelmente o ex-frade graciano. Foi depois de uma noitada no Nicola, que Bocage esbarrou na rua com uma patrulha, a qual, apontando lhe as pistolas engatilhadas, lhe perguntou quem era, de onde vinha e para onde ia, ao que elle respondeu promptamente:

*Eu sou o Bocage,  
Venho do Nicola,  
E vou p'f'o outro mundo  
Se dispara a pistola.*

E José Bersane Leite, intimo amigo de Bocage, citava este café n'uma quadra de troça á baldia cumprimenteira de seu mano Antonio:

*Lá na loja do Nicola  
A Antonio um desmaio deu,  
Entra um, diz: Boas noites!  
Torna a si... tira o chapéu.*

Com a fundação do botequim *das Parras* pelo José Pedro da Silva, mais tarde alcunhado *das Luminarias*, Bocage passou com armas e bagagens para esta loja de bebidas. E o *Aguilheiro dos sabios*, situado n'uma porta d'este botequim (porta da actual tabacaria Gusmão, no Rocio), ganhou fóros de uma verdadeira academia, onde o imperador do soneto dominava a seu talante e onde o fumo dos cigarros e cercava, como a Jupiter, de uma nuvem azulada. Aqui se aggremiavam os amigos de *Elmano*, que se voltavam para elle como a agulha de marear se volta para o Norte. Comtudo, Nicolau Tolentino, que nunca teve grande convivencia com Bocage, não frequentava aquelles botequins, embora fôsse muitas vezes á botica do Antonio Feliciano Alves de Azevedo, com o qual mantinha seguidas relações de amizade. Tolentino não precisava de incendiar o estro com os licores inflammatorios, mas o seu bom-siso não obstava a que dissesse em verso:

*Das escumas do Madeira  
Vejo nascer a alegria,  
Com as azas ajugenta  
A minha melancholia.*

*Já se perturba a cabeça  
Já tenho emprestadas côres,  
Já começam a esquecer-me  
As molestias e os credores.*

De regresso da India, Bocage andou á dependura, sem eira nem beira. Dormia na cella de algum frade amante das musas, na Boa-Hora ou nos Paulistas. (1) Consta-nos que tambem pernoitou, algumas vezes, no fundo da loja da botica do Azevedo (então propriedade de Fr. Francisco de Aguiar, frade de S. Domingos), em cujas paredes interiores escreveu versos a lapis. Em 1802, assentou arayaes no 3.º andar do predio N.º 10 e 11, antigos, ou N.º 25 moderno, do becco (hoje travessa de André Valente). Bocage descia d'esse casinhó e dava, talvez, dois dedos de conversa aos lojistas seus visinhos: o marceneiro Jacome Cordon, o Antonio Giner, da loja de trastes, o Jacintho Lidoro, do celloiro, e o João Baptista Coelho, cerieiro. Subia a calçada do Combro, lançava uma vista de olhos para os botequins pelintras dos casebres do Loreto e seguia depois pelo Chiado, onde largava a sua chalaça ao béque magestoso da Estanqueira, e uma bisca aos pés gigantescos do Pinheiro das estampas ou cavaqueava com o seu amigo Lopes barbeiro. Chegando ao Rocio, penetrava no botequim *das Parras*, onde se entretinha a engulpir genebra, ponche e outras bebidas marcises, a cigarrar, a parolar ou a escrever esses versos a que elle dava a flor latina do seu sangue. Por isso José Agostinho de Macedo lhe punha na bocca estes versos significativos:

*Eu que presido nos cafés, que inspiro  
Em roda de almo ponche heroes e vates*

Nem só os licores irritantes lhe engotaram a somma das suas energias. Tambem o amor foi quinhoso na tarefa derrancadora. Thirsalias e Philis, Nizes e Glauras, Uraelinas e Gertrurias, todas o queimaram com o ferro em brasa do amor. Sempre se disse que Bocage se enamorara de uma filha de Antonio Bersane Leite, mas o eminente polygrapho Theophilo Braga provou que esse amor fôra por partidas dobradas, isto é, que foram duas as filhas de Bersane (2) amadas por esse *genio instavel, sem pouso nem paragem*, conforme o denominou Santos e Silva. Bocage tambem pagou largo tributo aos amores transitorios de viella, e os manes da Ignacia China, e da Felicia de *Chaté* talvez podessem dizer alguma coisa no respeitante ao *assumpto*.

A epoca de Bocage, como a nossa, foi uma epoca deliquescente,





Setúbal. — A praça Bocage

uma época de decadência, em que também, como na nossa, frisava a primor o dito de Figaro: — *Médiocre et rampant, et l'on arrive à tout*. Bocage não era uma coisa nem outra. Tinha a sinceridade dos vehementes, a coragem intellectual dos fortes e a altivez de caracter dos verdadeiramente grandes. O sentimento de justiça levantava-se, imperioso e vingador, na sua alma branca como a consciencia de um apóstolo. Das premissas postas, derivaram-se logicamente as consequências. Bocage foi calumniado e foi perseguido. Nunca passou da côpa torta, viveu pobre e morreu pobre. Não obstante, Bocage entrou no templo da Gloria, que á semelhança do Pantheon de Alexandre Svero, está aberto aos grandes homens de todos os paizes. É a Posteridade que lh'o declara pela sua bocca justiceira como as dos anjos, que hão de tocar aos quatro cantos do mundo, em trombetas de prata, a alarma do dia final.

PINTO DE CARVALHO (*Tinop*).

(1) Theophilo Braga. *Bocage*, pag. 344.

(2) Theophilo Braga. *Bocage*, pag. 344-373.



## DESENHO DE ELMANO

Louro um tanto, e escasso no cabelo,  
Testa ampla, igual aos dons que recolhia;  
Estreitos olhos garços, em que ardia  
Um fogo innato, que amedronta ao vél-o;

Modico o labio, e a barba, ou carne ou pello,  
De Ovidio o naso, que no meio erguia,  
Baça atez, onde leva malha havia,  
Bexiga rara; não enorme ou bello;

Magro e debil, mas valido em language,  
Curvado um pouco, medio em estatura,  
Genio instavel, sem pouso, nem parage;

Muito abstracto, faceta a phrase pura;  
Eis o fiel retrato de Bocage,  
Muito maior em peso que figura.

THOMAS ANTONIO DOS SANTOS E SILVA

(Thomas Silva — *Thomino Sadias na Arendia* — era um poeta fecundo, natural de Setúbal).

## BOCAGE

Portugal vae celebrar, ainda este anno, o primeiro centenario da morte de Bocage, de quem escreveu Theophilo Braga: "é, em Portugal, depois de Camões, o unico poeta de quem o povo ainda se lembra."

A popularidade é ao mesmo tempo, para os poetas, um grande bem e um grande mal. Para Bocage ella foi principalmente um grande mal.

O povo não guardou a memoria do grande poeta lyrico que foi Elmano; guardou, sim, a memoria do grande poeta satyrico, epigrammatico e aggressivo que elle foi. Os sonetos admiraveis, as deliciosas elegias que Elmano escreveu são ainda hoje um thesouro de sentimento poetico e de perfeição metrica, que as almas cultas

conservam; mas o povo conservou apenas, do espolio d'esse extraordinario poeta, as glosas ferinas ou obscenas, que elle rimava sobre os *motes* insóssos das freir as alegres e fidalgoes frascarios. E succedeu que, com o correr do tempo, Bocage ficou sendo, para a massa popular, o typo do bardo parasita e desbocado, em torno de cujo nome se formou uma legenda de devassidão e crápula: a Bocage foram attribuidas, então, todas as anedoctas desbragadas, todos os versos lascivos de que se compõe a rapsodia libidinosa das classes baixas;— e assim se adulterou e profanou a figura de um dos mais bellos poetas que jámais versejaram em lingua portugueza . . .

Em geral, todos os grandes espiritos litterarios estão sujeitos a essas desgraças posthumas. Para não citar mais do que um só exemplo, basta lembrar que ha um livro torpe e asqueroso, intitulado *Contesse Ganiams*, escrito n'um francez ignobil, — e que o povo das classes baixas, em França, attribue á collaboração de Alfredo de Musset e G. Sand: — como se Musset e Sand fossem capazes de possuir aquelle estylo desconnexo e indecente! . . .

Tenho ouvido attribuir a Bocage os versos mais quebrados, mais tortos, mais aleijados, mais horribeis: triste fama para um poeta que foi um metrificador eximio!

A celebração do centenario de Elmano vale por uma reabilitação: é um acto de justiça, de reparação, de defeza. Portugal tem o dever de arrancar a memoria d'esse grande poeta ao pantano em que a mergulhou a popularidade. Bocage não deve viver, na estima e na admiração dos homens, como um glosador de chufas e de torpezas, mas como um lyrico de primeira ordem.

No Brasil, o Retiro Litterario Portuguez vae desde já preparar a commemoração do centenario: juntemo-nos todos e procuremos enxotar de sobre o nome do admiravel Elmano as mōscas immundas que n'elle dejectam uma fama abominavel!

Rio de Janeiro.

OLAVO BILAC.

Em homenagem ao grande Elmano publicamos hoje o seguinte soneto de Olavo Bilac, uma das entidades mais preconizadas da litteratura brasileira.

E' composição primorosa por seu proprio valor e muito apreciavel como retrato psychologico e como revelação de alto apreço pelo talento excepcional do immortal poeta, que com razão de sobra disse de si:

"*Zóilos, tremci! Posteridade, és minha!*"

## BOCAGE

Tu, que no pego impuro das orgias  
Mergulhavas ancioso e descontente,  
E, quando á tona vinhas de repente,  
Cheias as mãos de perolas trazias;

Tu, que do amor e pelo amor vivias,  
E que, como de limpida nascente,  
Dos labios e dos olhos a torrente  
Dos versos e das lagrimas vertias;

Mestre querido! viverás em quanto  
Houver quem pulse o magico instrumento,  
E prese a lingua que presavas tanto

E emquanto houver n'um ponto do Universo  
Quem ame e soffra, e amor e sofrimento  
Saiba, chorando, traduzir em verso.

OLAVO BILAC



## O POETA

... Wohin beweg'ich meinen Schritt Dem  
Abgrund zu entgehn, der vormir liegt?...  
GOTTKE — Torq. Tasso, VI act. sc. I.

O Poeta é um monstro antediluviano:  
Tem as azas de tréva e as garras de luar,  
Andam-lhe dentro d'alma as fúrias do oceano  
E a voz da madrugada a rouxinolear.

Perdido n'esta vida estúpida, a penar,  
Debalde lhe rebusna aos pés, n'um côro insano,  
Dos homens o rancor . . . continúa a sonhar  
Do alto do seu Orgulho estoico e soberano.

De quando em vez sacóde a formidável juba  
E a cáfila que o cerca impavido derruba  
Abafando um soluço homérico de dor...

Mysterioso e só, neste mundo macabro,  
Faz lembrar o Poeta indomito condor  
Atirado dos ceus dentro de um volutabro.

Lisboa, 12 de dezembro de 1905.

PETHION DE VILLAR

Vôa a Lília gentil meu pensamento  
Nas azas de esperanças sequiosas;  
Amor á frente de illusões ditosas,  
O chama, e lhe acelera o movimento.

Ígneo desejo audaz que em mim sustento,  
Man'ha o puro candor das mãos mimosas,  
Os olhos côr dos ceos, a tez de rosas,  
E o mais, onde a ventura é um momento.

Eis que pesada voz, terrível grito  
Sôa em minha alma, o coração me opprime,  
E austero me recorda a lei e o rito.

Devo abafar-te, amor, paixão sublime?  
Ah! se amar como eu amo é um delicto,  
Lília formosa aformoseia o crime.

Bocage.

(O original d'este soneto existe na bibliotheca da Ajuda e viu a luz pela primeira vez, em 1890, n'um opusculo publicado por Henrique Zeterino. Junto a elle existe o original da censura do allemão Muller, da «Real mesa da Commissão geral sobre exames e lectura dos livros».)

## NOTAS BIOGRAPHICAS

Bocage nasceu em Setubal, no dia 15 de setembro de 1765.  
Em 1780 assentou praça de cadete no regimento de infantaria 7,  
que teve quartel n'aquella cidade desde 1702 até á queda do go-

verno absoluto. Em 1782 passou á Academia Real de Marinha, onde se conservou estudando o curso respectivo até 1786.

Em 31 de janeiro d'este anno foi nomeado guarda marinha para o estado da India, posto em que seguiu para Gôa. Em 6 de abril de 1789 recebeu a promoção a tenente de infantaria para Damão. N'esse mesmo anno despiu a farda e desertou para Macau. Voltou a Portugal em agosto de 1790, tendo então 25 annos incompletos.

Trabalhou algum tempo em traducções de varias linguas, por conta do naturalista brasileiro, Padre Velloso, que o remunerava a 24.000 réis em cada mez.

1790 — Fundação da *Nova Arcadia* ou *Academia de Bellas-lettas*, em que Bocage foi agremiado pelos fundadores.

O 1.º volume das suas *Rimas*, appareceu a publico em 1791, saudado por uma Ode de Filinto Elysio.

1793 — Bocage rompe o tiroiteio de satyras e epigrammas contra os collegas arcades que pouquissimo valiam mas que o abocchavam. Um bello dia atira ao monte :

*Preside o neto da rainha Ginga  
A' corja vil, aduladôra, insana...*

Capturado em 1797, a bordo da corveta *Aviso*, quando este navio estava para sair com destino á Bahia, foi encarcerado no Limoeiro, onde esteve, no *segredo*, durante 22 dias. Era acusado de ser *auctor de papeis impios, sediciosos e criticos, espalhados por esta côrte e reino, desordenado nos costumes, desconhecer as obrigações da releição que TEM A FORTUNA DE PROFESSAR, e não satisfazer os preceitos da Eucharistia.*

Em 7 de novembro de 1797 foi enviado para o Santo Tribunal da Inquisição, onde o conservaram durante outros tres mezes e dez dias, para expiar a falta de religião.

Terminada a expiação foi reenviado ao Intendente, acompanhado de uma ordem para ser recolhido no mosteiro de S. Bento, a fim de ser doutrinado. Assim se fez em 17 de fevereiro de 1798.

Em 22 de março d'este anno foi transferida a reclusão para o hospicio das Necessidades (dos padres de S. Filippe de Nery) pelo motivo da brandura com que o tratavam os beneditinos.

Em 1801 abriu lucta contra José Agostinho de Macedo, a quem tinha poucado até então. Reconciliaram-se quando Bocage conheceu que a morte se approximava.

Bocage expirou no dia 21 de dezembro de 1805, no 3.º andar da casa n.º 11 (hoje 25) da travessa de André valente, contando quarenta annos, tres mezes e seis dias de idade, victima do aneurisma a que já alludia no seguinte soneto :

Nestóreos dias, que sonhava Elmano,  
Brilhantes de almos gostos, d'aurea sorte,  
Pomposa phantasia, audaz transporte,  
As azas cerceai do orgulho insano :

Plano de um nune contradiz meu plano,  
E quer que se esvaeça e quer que aborte ;  
Eis, eis palpita, precursor da morte,  
No tumido aneurisma o desengano :

Adeus, oh genios que Ulysséa admira !  
Cantor, que honrastes, honrarei cantores,  
Versos, pranto lhe dai, que Elmano expira !





Deixai-lhe a cinza em paz, fataes Amores;  
E vós do extinto vate a campa, e lyra,  
Virtudes, que exaltou, cobri de flores!

Bocage foi sepultado no cemitério da igreja das Mercês.  
Com a extinção dos comiterios religiosos os seus ossos lá foram na trasladação baralhados com outros.

## SUPPLICA

(Ao desembargador Cardoso da Costa, amigo do Bocage).

.. "Elmano hoje indifferente a Amor, e ás Musas,  
Triste no coração, nos olhos triste,  
Evaporado em ais, desfeito em pranto,  
Ludibrio da Fortuna, a ti recorre ..."

Resposta do desembargador:

"Se os vates por acaso fossem Cressos,  
Se a par do genio seu luzisse o ouro,  
Quem fitar poderia os olhos n'elles,  
Sem que os raios da luz, que derramassem  
Ao mesmo tempo o genio, e mais o ouro  
A vista lhe roubassem? — Charo Elmano,  
Os seus dons repartiu a Natureza:  
Coube-te em sorte o genio, que eterna  
Illustres nomes de Camões, de Horacio,  
E que ha de eternisar tambem teu nome.  
Deixa que os outros as riquezas gosem,  
Elmano sem riqueza é mais do que elles;  
Nem as irmans de Phebo invejam Cressos.  
Sempre ha de haver quem se honre, quando livra  
Da penuria a um vate como Elmano:  
É Vincenio d'esta honra cubiçoso,  
Elle é quem agradece, — elle é quem ganha!",

(Versos publicados pela primeira vez em 1853, por Innocencio da Silva).

## FILIAÇÃO DE MANUEL MARIA BARBOSA DU BOCAGE

Os AVÓS MATERNS de Bocage foram:

Gillet Ildeois du Bocage, vice-almirante, e D. Clara Francisca Lustoff, filha de Leonardo Lustoff, consul da Hollanda, em 1720.



Travessa de André Valente n.º 25, 3.º andar.  
É o 3.º andar da casa da direita, e onde a Camara Municipal de Lisboa  
porá uma lapide no próximo dia 21 de dezembro

AVÓS PATERNOS:

Luiz Soares Barbosa, que nasceu em 26 de agosto de 1686, em Lisboa, e casou, em 23 de junho de 1711, com D. Eugenia Maria Ignacia; esta senhora nasceu em 11 de novembro de 1693. Tiveram oito filhos.

SEU PAI:

Raphael José Luiz Soares de Barbosa, que nasceu em 1728 e casou, em Setubal, em 6 de junho de 1758, com

SUA MÃE:

D. Marianna Joaquina Caetana Xavier Lustoff du Bocage: morreu em 1775.

ORDEM DE FILIAÇÃO

1.º filho: D. Maria Agostinha — nasceu em 14 de julho de 1759;  
2.º D. Anna das Mercês — nasceu em 23 de setembro de 1760;  
3.º Gil Francisco Xavier du Bocage — nasceu em 3 de outubro de 1762, e morreu em 13 de maio de 1834;  
4.º MANUEL MARIA — nasceu em 15 de setembro de 1765, pelas 3 horas da tarde; foi baptisado em 29, sendo seu padrinho Heitor



Bocage no leito de morte

(Copia de uma gravura existente na Bibliotheca Publica de Lisboa)

Mendes Botelho de Moraes Sarmento, e madrinha sua tia materna Soror Luiza Mathilde; morreu em 21 de dezembro de 1805, pelas 10 horas e um quarto da noite;

5.º Maria Eugenia — morreu na infancia;

6.º D. Maria Francisca — morreu em 18 de maio de 1841.

Esta senhora, irmã mais nova de Bocage, morreu solteira e foi a companheira do poeta, assistindo ao seu fallecimento na casa da travessa de André Valente (Lisboas), n.º 11 (hoje n.º 25), 3.º andar, e de que publicamos uma gravura.

Esta genealogia foi tirada das notas do avô paterno de Bocage, Luiz Soares Barbosa, por elle colligidas aos 86 annos, 1772; e foram completadas por um primo do poeta, Joaquim José Barbosa du Bocage. Possui-as actualmente o coronel Carlos Roma du Bocage.

N'este horrivel sepulchro da existencia  
O triste coração de dôr se parte;  
A mesquinha razão se vê sem arte,  
Com que dóme a phrenetica impaciencia:

Aqui pela oppressão, pela violencia  
Que em todos os sentidos se reparte.  
Transitorio poder quer imitar-te,  
Eterna, vingadora omnipotencia!

Aqui onde o que o peito abrange, e sente,  
Na mais ampla expressão acha estreiteza,  
Negra idéa do abysmo assombra a mente.

Differe acaso da infernal tristeza  
Não ver terra, nem céu, nem mar, nem gente,  
Ser vivo, e não gosar da natureza?

BOCAGE



## A CASA EM QUE MORREU BOCAGE

Damos a gravura representando uma casa modestissima em que o poeta expirou nos braços de sua irmã D. Maria Francisca. Sabia-se que era situada na travessa de André Valente, 3.º andar, n.º 11, hoje 26. Havia duvidas a esse respeito, mas duvidas hoje desfeitas, graças aos esforços de um infatigavel investigador, sr. Antonio Cesar Mena Junior.

No archivo do Tribunal de Contas, entre varios livros de registos antigos de casas e de decimas, existe um precioso com o seguinte titulo:

“Livro do Arruamento e Descrição dos Predios, e outros Objectos da Colecta da Decima e Novos Impostos da Freguezia das



Setubal. — Camara Municipal

Mercez pelo presente ano em conformidade do Real Decreto de 8 de Junho de 1805, e das Leis anteriores a que elle se refere.

Será numerado e rubricado com a firma de que uzo. — Castro — Lisboa, 4 de Julho de 1805. O Superintendente das Mercez — Felipe Ferreira de Araujo e Castro.

A pag. 88 v.º encontra-se o seguinte:

\*Paginas 88 v.º

Beco de André Valente  
N.º 297

Casas dos Herdeiros de Maximiliano Freguezia de Oliveira.  
N.º 10 — 11 e 12.

Loja Verissimo José de Oliveira — Creado de servir — dezoito mil réis.....	18\$000
Sobrado Francisca Magna — vinte e quatro mil réis ..	24\$000
Sobrado José Caetano — Archeiro — vinte mil réis ...	20\$000
Sobrado Manuel Maria du Bucage — Sem officio — vinte e um mil e seiscentos.....	21\$600
Sobrado Huer Embarcadizo — dez mil réis .....	10\$000
	93\$600

O poeta viveu n'aquella rua desde 1802, pagando de renda 21\$600 réis. Depois da sua morte sua irmã D. Maria Francisca ficou residindo ali até junho de 1810.

Esta propriedade pertence hoje ao sr. conde de Simas, da Ilha Graciosa.

O 3.º andar tem 4 compartimentos pequenos — casa de entrada, um quarto de cama, que deve ter sido aquelle em que morreu o poeta, cosinha, e um vão de escada.

## NO CARCERE

Meus dias, que já foram tão luzentes,  
Hoje da noute opaca irmãos parecem;  
Meus dias miseraveis emmurhecem  
Longe do gosto e longe dos viventes;

Horror das trevas, pezo das correntes  
Olhos, forças me abatem, me entorpecem;  
E apenas por momentos me apparecem  
Rostos sombrios de intractaveis entes;

Pagam-se da rugosa austeridade;  
Antolha-se-lhe um crime, um attentado  
Soffrer nos corações a humanidade:

Voai, voai do céu para meu lado,  
Ah! Vinde, doce Amor, doce Amisade,  
Sou tam digno de vós, quam desgraçado.

BOCAGE.

## BOCAGE E HERCULANO

Depois de Camões, Bocage foi o nosso primeiro poeta popular; como Camões foi pobre, foi criminoso e foi malfadado; adormeceu como elle muitas vezes ao balouçar das vagas do oceano, e como elle, orvalhou de lagrimas o pão do desterro, e veio morrer na patria sobre a enxerga da miseria. Semelhante ao enfermo do Evangelho passou pela terra abandonado, pobre, nu, mas como os antigos romeiros trovadores, alegrou ou commoveu os animos das classes não privilegiadas, ás quaes tres seculos tinham feito esquecer que a poesia era tambem e principalmente para ellas.

Bocage é o typo mais perfeito da sua escola, e de facto devia sel-o. Elle popularizou a arte, porque poetou principalmente para o povo, e embalou ao mesmo tempo com a melodia da linguagem, com o sonoro do metro, essas almas rudes mais attentas á harmonia da forma que ao poetico do pensamento.

A. HERCULANO.

## BOCAGE E O CANAPÉ

Quando a velha antiguidade  
Aqui n'esta casa entrou,  
Disse áquelle canapé:  
— Sua benção, meu avô!

Foi esta a quadra feita por Bocage ao celebre canapé, que pertenceu ao poeta Antonio Bersane Leite. Esse canapé existe hoje em casa do sr. conselheiro Barbosa du Bocage, parente de Elmano.

## BOCAGE E CASTILHO

A proposito do monumento a Bocage, inaugurado em Setubal no anno de 1871, escreveu Antonio Feliciano de Castilho em 29 de março de 1867:

“... Camões recorre á milicia; Bocage recorre á milicia. Ambos vão servir a patria nas terras d'alem-mar, no Oriente, na região do sol e das palmas; a ambos os espera lá a inspiração, mas os infortunios tambem; a ambos a ausencia apura a sensibilidade; a ambos os chamam os amores para o ninho paterno.

Amores: qual dos dois levará nisto a palma ao outro? Nem um nem outro é Petrarcha para uma só Laura, ou Dante para uma só Beatriz a quem ame viva, e a quem ame dobradamente depois da morte.

Cada um delles é, como o segundo por si confessou ingenuamente:

“devoto incensador de mil deidades..

Não amam a uma formosa, enleva-os a formosura; ardem por mil; adoram a todas; a feminidade sob qualquer forma ou nome, é o seu iman perpetuo.

Em rumos encontrados, e com a mira em estrellas diversas, é sempre a mesma luz celeste, a belleza, quem os enamora, quem lhes chama: aos olhos, ora o riso, ora as lagrimas; ao coração, ora a esperança, ora o ciúme; aos labios, ora os hosannas, ora os improperios, que são ainda amor. Por isso nem um nem outro se atreve a escolher uma companheira para a jornada trabalhosa da vida. Por filhos e herdeiros só hão-de deixar as proprias obras.

A existencia namorada, aventureira, errabunda, fortuita, anfibia, quasi aerea, quasi chimerica, e quasi de chimeras unicamente pascida, a tal ponto os irmanou, que Bocage não pode abster-se de exclamar no seu exilio indiano:

Camões, grande Camões, quão semelhante  
acho teu fado ao meu quando os cotejo!  
egual causa nos fez, perdendo o Tejo,  
arrostar co'o sacrilego Gigante;

.....  
ludibrio, como tu, da sorte dura,  
meu fim demandando ao ceo, pela certeza  
de que só terei: paz na sepultura.

E ainda então, Senhores, o vosso cantor, o vosso Camões II, não sabia quantas mais semelhanças com o grande homem o aguardavam no futuro. Como elle, havia de experimentar por levandades a amargura expiatoria do carcere; como elle, havia de chegar a ver a Patria numa grande crise, suprema dôr para um coração portuguez!; como elle, havia de se finar num aposento desconchegado, e soccorrido da caridade; como elle, até depois de enterrado, havia de naufragar e perder-se com a propria sepultura; como a elle emfim havia de chegar um dia, e foi Deus louvado em nosso tempo, em que a gratidão publica, o evocasse glorioso dentre os mortos. Foi necessario um seculo para a canonisação da arte; a campa extraviada resurgio pedestal!, quasi ara.

Camões e Bocage vão reaparecer nas suas cidades nataes; desta vez de bronze para a eternidade, a dominarem com toda a sua grandeza intellectual em meio de praças do seu nome; enquanto as Musas do drama e da comedia os offerecem aos applausos das turbas, Camões pelos seus esforços, Bocage pelo engenho prestigioso de Mendes Leal, o principe do nosso theatro.



Um genio poetico do novo mundo, inspirado cantor d'aquellas terras, ainda nossas pela fraternidade, daquelle paiz unico do oiro e do sol, dos diamantes, da poesia e da mocidade, Alvares de Azevedo, dera-nos o exemplo (pobre moço, tão em flor cortado á gloria do Brasil e do nosso commum e opulentissimo idioma!); carpira o fim miserrimo de Bocage em paginas dignas do seu assumpto, mostrando nos por dentro e ao natural o coração vulcânico, o espirito sublimemente delirante deste filho prodigo das Musas, que, ainda melodioso ao expirar, como a ave de Caistro, suspirava o pesaroso gemido que a ninguem esqueceu:

\*meu ser evaporei na linha insana  
\*do tropel das paixões que me arrastava.

Surja pois muito nas boas horas no melhor Forum de Setubal, ao som dos vivas de Portugal e do Brasil, essa projectada rotunda occupada por Bocage, e dominada da Musa lyrica, podendo-se entalhar no pedestal aquelle verso d'elle, então profecia, hoje historia:

\*Zollos, tremei! Posteridade és minha!  
Todos os bons engenhos portuguezes, hão de sem falta acudir com os seus cantos a essa inauguração expiatoria, o que será para



Setubal. — Igreja de Santa Maria

Elmano terceiro monumento: o primeiro já o havia elle mesmo levantado a si com os seus versos de oiro.

Daqui me estou eu deliciando a antever essa festa nacional! Toda a vossa cidade de gala; a capital visitando-a com inveja; a praça alcatifada de loiros e murtas; a musica alvoroçando ainda mais os corações; os edificios colgados de purpura; os representantes do municipio em toda a pompa official, e, a convite delle, as damas, indo coroar de flores o seu escravo agora rei.

Quanto não seria para desejar, que esta emblematica cerimonia da coroação do talento pela formusura, se renovasse perpetuamente de anno para anno, no dia do nascimento do poeta, ou no do seu renascimento em estatua!

Confessemos que nestas coisas tão simpaticas, e tão faceis de si que até são gratuitas, vai alguma coisa mais que mero regosijo popular; vai estimulo energico a muito engenho. A gloria tambem é contagiosa; não o haviam de ser só as outras febres.

Por este lado o monumento, que a principio nos pareceria esteril, já cessa de o ser; e a Posteridade alguma coisa porventura confessará que lhe deveo, quando der de seculo a seculo o seu balanço.!!

A. F. DE CASTILHO.

## LIBERDADE

Liberdade, onde estás? Quem te demora?  
Quem faz que o teu influxo em nós não caia?  
Porque (triste de mim!) porque não raia  
Já na esphera de Lysia a tua aurora?

Da santa redempção é vinda a hora  
A esta parte do mundo, que desmaia:  
Oh! venha... Oh! venha, e tremulo descaia  
Despotismo feroz que nos devora!

Eia! Acode ao mortal, que frio e mudo  
Occulta o patrio amor, torce a vontade,  
E em fingir, por temor, empenha estudo

Movam nossos grilhões tua piedade;  
Nosso numen tu és, e gloria, e tudo.  
Mãe do genio e prazer, oh Liberdade!

BOCAGE

## A' MEMORIA DE BOCAGE

(ao ser inaugurada a sua estatua em Setubal)

De um folheto publicado em 1871 pelo distincto poeta de Setubal M. M. Portella:

Cumpriu-se a predicção. Não foi uma luz fatua  
que o vate alumiou, alçou se emfim a estatua!...  
O applauso reaparece, escuta-se a ovação  
e unida a voz do douto á voz da multidão,  
em jubilo é saudada a coroada fronte  
do vulto que destaca em lucido horisonte.  
Após não curta idade esplende o grão fanal,  
não o sumiu a crypta, o genio é immortal!  
Posteridade és sua! o monumento a Elmano  
tal qual elle o predisse, agora se ergue ufano!  
Paga-se o justo preito em honra do saber,  
extingue-se o labéo cumprindo se o que é dever.

Se alguma vez errou na ardente mocidade,  
quem mais do que elle exalta e préza essa verdade  
que segue desde o berço e origem é do bem?  
quem mais exprobra o crime e mais horror lhe tem?...  
Assim constricto, um dia, achou silencioso,  
o termo da fadiga, o leito do repouso,  
e os olhos que cerrava, entre milhões de soes  
sem demora reabriu na turba dos heroes,  
que sempre a batalhar, triumpham pela idéa  
e duram como dura o bronze ou a epopea!  
Bocage não morreu, nos seculos por vir  
hade o seu nome egregio o mundo repetir.

M. M. PORTELLA.

Á MORTE DO MEU PRESADO AMIGO  
MANUEL MARIA BARBOSA DO BOCAGE, INSIGNE POETA DA LUSA ARCADIA  
E BEM CONHECIDO PELO NOME DE

## ELMANO SADINO

Depois de ter saltado o pantanoso,  
Turvo rio fatal do esquecimento,  
Desceu Bocage ao reino do tormento  
Sem soffrer o latir do Cão raivoso:

As duas leis de Minos rigoroso  
Não foi ouvir, co'a turba, ao ferreo accento...  
Pizou sem custo o negro pavimento  
Do longo espêsso Orco pavoroso...

Tudo gostou ali de ouvil o, e vê o...  
Com a Lyra immortal, que então pulsára  
Tudo encantou, ninguem ousou sustel-o;

Só o monstro que em vida o flagelára,  
O Ciume cruel, tentou prendel o,  
Se tão depressa ao Eden não passára.

BINGRE

Francisco Joaquim Bingre, poeta da Arcadia Portuguesa e amigo intimo de Bocage.

## UMA ANEDOCTA

... Dava-se uma festa, das que não se reputavam então completas sem o indispensavel realce da poesia; e o cavalheiro, que recebia em sua casa, julgaria o serão desagradavel, deixando de possuir Elmano, o rei dos repentistas, entre os convidados. Falou-lhe, instou o, e elle negou se. A poder de instancias conseguiu emfim penetrar o segredo da reclusão do novo ermita. Não tinha sapatos, nem trajos decentes para apparecer n'uma companhia! Conhecido o obstaculo demorou-se pouco o remedio. Veiu o vestido, e segunda supplica de não faltar. O poeta prometteu; annunciou-se a vinda; esperaram no até tarde; mas em toda a noute não chegou. Ao outro dia, indagado o motivo da omissão, um mendigo era quem a explicava. O pedinte, entrando-lhe pela porta, estendendo-lhe a mão: "Estamos em igual estado, meu amigo, não posso real., — Morrerei então de frio e fome!... — "De frio não queira Deus! (gritou Bocage com as lagrimas nos olhos). Vista esse fato, cubra-se com elle!, E deu-lhe quanto acabava de receber. Ha bem poucas acções que lembrem esta, não é verdade?

O poeta, despindo se para aquecer o corpo de um mendigo, e ficando mais pobre e desconfortado do que elle, envergonha com a sua grandeza de animo sublime os moralistas de cartaz, que o la-ceravam, porque moço e voluvel não entrava nas igrejas em espectáculo de piedade, a fazer ostentações devotas.

REBELLO DA SILVA.





# CHRONICA

**C**om grande pasmo meu, não li este anno nos jornaes portuguezes nenhuma troça á *Sociedade 1.º de dezembro*, nem a Pinto Ribeiro, conjurados e mais pessoas que resolveram, ha duzentos e sessenta e cinco annos, dispensar os serviços da Hespanha, resolvendo que cada um dos *hermanos* ficasse em sua casa com sua mulher e seus filhos. "Com grande pasmo", disse — e disse bem, porque houve tempo, e não remoto, em que foi moda metter a ridiculo todas as glorias nacionaes, todas as figuras historicas, e os ingenhos que por umas e outras se interessavam. A exemplo do que se pratica contra os lobos nas serranias beirão e transmontanias, quando a fome

e frio os acozzam para o povoado, organisaram-se por esse paiz fora varios bandos iconoclastas que, postando-se nas encruzilhadas da historia, não deixaram pôr pé em ramo verde a facto ou heroe da epopeia portugueza. Apenas viram repontar no acero Affonso de Albuquerque, záz, uma chumbada que lhe levou a pluma da gôrra e fez exclamar ao grande capitão: "*Fortes brutos!*". Depois, coube a vez a D. João de Castro. A esse chamuscaram as barbas com uma bucha de trabuco. Quando passaram os *quarenta* de 1640, foi uma salva geral. Felizmente, vinham de couraça, como na surpresa ao Paço, e os quartos e perdigões, mal dirigidos e atochados com polvora bombardeira fizeram mais estrondo que damno. Ainda quiseram liquidar Nunalvares, mas como se tratasse de um vulto astral perderam o tempo e a carga.

Então, mudaram de tactica. Penduraram nas panoplias as durindanas ferrugentas e os arcabuzes inuteis. Correram á primeira mercearia a comprar dois vintens de anilina vermelha, meia dúzia de aparos, meia dúzia de cadernos de almasso, e enquanto houve tolices no craneo e fezes no sangue, toda a gente que teve a estulta ideia de amar o seu paiz e por elle rimar versos, alinhar chronicas ou distribuir cutiladas, spanhou para o seu tabaco. Os homens do 1.º de dezembro foram especialmente contemplados n'esse bodo de pancadaria. Nunca lhes poderam perdoar o grande crime de haver-nos privado da paternal e briosa tutela castelhana. "Quem os mandou metter o bedelho onde não eram chamados?", — exclamavam, iracundos. E ficaram com as costellas intactas porque, como devem saber, os contemporaneos do feito já morreram.

Infelizmente para nós e felizmente para os mortos que fizeram d'estes dois palmos da Europa maravilha digna de se ver, a abra-cadabrante politica que por pura calacice toleramos, tantas e tão alentadas poucas vergonhas espalhou por esse Portugal, e Algarves que, um bello dia, o povo, n'um dos seus momentos lucidos, deulhe para cotejar o presente com o passado, D. João de Castro com o sr. José Luciano, e logo concluiu: "Positivamente, desde que é preciso respeitar alguem ou alguma cousa e o presente está fora de todos os respetos humanos, respeitemos o passado." D'ahi a desvanecedora subida das cotações de heroes no mercado dos fundos portuguezes. João Pinto Ribeiro, que já esteve pelas ruas da amargura, esteve n'este 1 de dezembro muito acima do par.

Deve ser assim? Não pode deixar de ser assim, sob pena de vermos os *Lusiadas* banidos das escolas e substituidos pela edição barata, *ad usum delphini*, do *Contracto dos Tabacos*, illustrada com os retratos dos plutarchos signatarios d'esse padrão das novissimas glorias portuguezas. Porque, em boa verdade, varões assim á mão, disponiveis e promptos a mobilisar, só temos os srs. De Neuffige, Moret e Cecil Baring. São esses que actualmente dão as cartas n'esta linda e generosa terra tão maltratada por quem devia honrar-lhe os brios e zelar-lhe o patrimonio.

Em toda a parte, essa ideia de patria, que os *beau-esprits* pro-

tendem desqualificar com o espirito facil do jornal, da esquina e do café, em toda a parte essa noção fecunda e impressiva é objecto de uma cultura especial e intensiva como a dos crysanthemos. Ora a patria honra se nos seus *heroismos* e nos seus *heroes*. "Todas as nações respeitadas — escreve o honrado cidadão que preside aos destinos dos Estados Unidos da America do Norte — deve aos homens que realisaram uma parte da sua grandeza, não só os resultados materiaes dos seus esforços, não só as leis que consolidaram nos codigos, ou as victorias que alcançaram contra o inimigo armado, como a influencia moral, immensa e indefinivel, exercida pelos seus actos e palavras sobre o caracter nacional." Com effeito, o *caracter nacional* é o residuo de virtudes que a continuidade de uma vida historica deixou nas consciencias, "e nada impelle um homem para o futuro como a consciencia de haver feito alguma cousa no passado."

Essa cultura do patriotismo a que a Allemanha, a França, a Inglaterra, a Belgica, a Suissa dedicam verdadeira ternura, não consiste apenas em exaltar o passado em familia. E' tambem uma virtude, e não pequena, para uso externo.

Em regra, sempre que doze portuguezes se reúnem para festejar um estrangeiro, é raro que da proverbial cortezia portugueza não saia magoado o amor proprio nacional. Inconscientemente e por pura amabilidade, pelo desejo sincero de agradar, de obsequiar, de metter o hospede no coração, e tambem por essa malaventurada incontinencia verbal que é o fraco e o forte do nosso temperamento impulsivo, a nossa personalidade historica amesquinha-se, some-se, apaga-se deante da personalidade extranha. Todo o nosso enlevo é demonstrar ao povo festejado que nada fomos, somos ou valemos; que na alheia força fomos buscar fortaleza, na alheia mentalidade inspiração, na alheia cultura a luz do entendimento. Não sabemos elogiar sem deprimir-nos. Inventamos logo um Camões, um Affonso de Albuquerque, um Vasco da Gama, um D. João de Castro para cada povo, ou, melhor, escamoteamos os nossos para não lhes fazerem sombra. E' um pessimo habito e um triste symptoma, que ainda ha pouco, com louvaveis excepções, vimos confirmados por occasião da visita do presidente da Republica Franzeza. E' impossivel que a França não esteja convencida de que em Portugal se aprende o portuguez... pela grammatica franzeza!

Mas deixemos estas cousas de patriotismo, em que sou um in-signe caturra, e fechemos esta chronica com uma nota de arte.

Na festa artistica do actor Féraudy, na noite memoravel do *Brichanteau*, foi esse actor cultissimo agraciado com o officialato da Ordem de Sant'Iago.

Na concessão d'essa mercê houve, evidentemente, a intervenção da Rainha. E' natural que da senhora D. Amelia partisse essa iniciativa delicada. Para julgar do merito de Féraudy não bastam um tacto muito subtil e uma sensibilidade esthetica natural; é precisa a educação do gosto na continuidade das emoções artisticas; é necessario ter visto, ouvido e comparado muito, porque Féraudy é, na sua classe, um intellectual.

Pois bem: equal se não ainda maior prazer sentiríamos todos nós, homens de letras e artistas de Portugal, se a Rainha quizesse lembrar-se tambem da Bartet, essa divina Bartet, tão perfeita artista quanto distincta senhora na mais respeitosa e respeitavel accepção do termo.

Virginia e a Bartet: *les deux doyennes*...

CUNHA E COSTA.





### Lancha canhoneira INFANTE D. MANUEL

*Foi construída, com o resto dos fundos da grande subscrição patriota portugueza no Brasil, no Arsenal de Marinha de Lisboa. Foi lançada á aqua a 28 de novembro, assistindo S. A. serenissima o sr. Infante, ministro da marinha conselheiro Moreira, contra-almirante inspector do Arsenal Ferreira do Amaral, contra-almirante Augusto de Castilho, delegado da commissão executiva, conde de Agrolongo, vogal da dita commissão, director das construcções navaes Mancelllos e todo o pessoal superior do Arsenal. Em 5 de dezembro foram feitas as experiencias navegando no Tejo, e foi o barco entregue pelo inspector do Arsenal ao delegado da commissão. E' destinado á fiscalisação internacional do serviço de pesca no rio Minho*





# BOLLETICA INTERNACIONAL

Nada menos de quatro acontecimentos sensacionaes se deram na passada quinzena, que profundamente impressionaram o mundo internacional. Foram esses acontecimentos — a revolta militar de Sebastopol, o conflicto militar de Barcelona, o discurso de Guilherme II no Reichstag, e a queda do governo inglez.

Como desejamos na presente chronica occupar nos de todos elles, rapidamente nos referiremos a cada um, deixando para mais tarde outras considerações que nos suggerem os factos occorridos, mesmo porque as consequências de alguns, senão de todos, só d'aqui a certo tempo se farão sentir.

Comecemos pela Russia.

Quando se suppunha que depois das revoltas e das carnificinas do mez anterior tudo ia entrar n'um periodo de relativa quietação, eis que de repente está em Sebastopol uma sangrenta revolução, na qual outra vez a esquadra do mar Negro representa o principal papel. Uma parte dos navios de guerra insurreccionaram-se, abriram fogo contra os que se tinham conservado fieis, revoltando-se igualmente uma parte das tropas da cidade e da guarnição das fortalezas. Segundo as noticias officiaes (outras não ha, porque a censura as não deixa passar) ainda d'esta vez a revolta foi suffocada, rendendo-se os amotinados á descripção.

A respeito do numero das victimas, e das perdas materiaes na esquadra e na cidade por virtude do combate naval e do bombardeamento, não ha pormenores alguns, embora não seja difficil suppôr quaes fossem.

Assim, depois de Odessa, e de Cronstadt, vem Sebastopol reproduzir em mais larga escala, se é possível, os symptomas alarmantes da anarchia que se vae alastrando por toda a vasta extensão do imperio russo. Cada dia é uma provincia ou uma cidade que se revoluciona, e não ha possibilidade de prevêr quando terminará este espantoso estado de cousas, que a passos rapidos se encaminha para a catastrophe final, que promette ser a mais assombrosa de toda a historia.

O que leva a crer que a catastrophe suprema está proxima é a circumstancia de que o exercito começa a intervir na contenda. Até ha pouco o movimento revolucionario tinha-se limitado ao elemento civil, e não era difficil de prever o seu esmagamento enquanto elle tivesse de lutar desacompanhado contra a força armada. Desde a primeira revolta, porém, da esquadra do mar Negro, que o exercito e a marinha começam a fazer causa commum com a revolução, e não é licito desconhecer a gravidade d'esta attitudo da força publica. Como o exemplo é contagioso, aos primeiros syptomas de indisciplina succederam-se casos mais nitidamente accentuados; depois foram regimentos que se sublevaram; e não está longe decerto o dia em que por seu turno corpos de exercito inteiros se lançarão na luta. Parece mesmo ser este o papel destinado ao exercito da Manchuria, quasi que já em plena revolta, se não são exaggeradas as noticias que do Extremo Oriente nos chegam. A dar-se este facto, do qual ninguem hoje duvida, terá soado a derradeira hora da autocracia na Russia. O peor é que a herança do regimen caído ha-de ser a anarchia social, a desorganisação politica, e porventura a desagregação nacional. Eis o triste balanço dos seculos de absolutismo, que pesaram sobre o desventurado povo moscovita...

Tambem a Hespanha n'esta quinzena nos quiz dar o ante-gosto dos acontecimentos, que alli se preparam para não remoto futuro. Alguns centos de officiaes da guarnição de Barcelona atacaram as redacções dos jornaes catalanistas e destruíram todo o material typographico pertencente ás differentes emprezas, como protesto contra a propoganda autonomista dos referidos jornaes. O caso, como bem deve suppôr-se, causou extraordinaria sensação em toda a Catalunha, tanto mais que, segundo é voz corrente, a officialidade dos regimentos das outras regiões de Hespanha se manifestou solidaria com os seus camaradas de Barcelona, vendo-se o governo ameaçado de um verdadeiro *pronunciamento*, caso tentasse proceder contra os officiaes que em Barcelona, em contrario á disciplina militar, tinham atacado as redacções. Não se sabe bem o que se passou nos bastidores da alta politica em Madrid. Apenas, porém, a lei para a suppressão das garantias foi approvada pelas duas casas do parlamento o presidente do conselho, o sr. Montero Rios, pediu a demissão do gabinete. Segundo uns, os que atacam o ex chefe do governo, a retirada do sr. Montero Rios é um acto de cobardia politica, dictado pelo desejo de se subtrair ás responsabilidades, que a situação da Catalunha creou para o ministerio. Segundo outros, os que defendem o presidente demissionario, a sua retirada foi um acto de dignidade e independencia, por isso que, querendo elle castigar os militares que haviam delinquido, não lhe foi isso consentido pelo mesmo poder que obrigou Maura tambem anteriormente a sair da presidencia do conselho. Conforme esta versão, que é a reputada verdadeira pelo partido republicano, segundo se deprehe de das palavras de Salmeron no Con-

gresso, foi o poder pessoal e a intervenção anti-constitucional do rei no conflicto entre os officiaes e o ministerio, o que determinou a crise.

Como quer que seja, porém, o certo é que o governo deliberou cair diante de uma quasi conjuração militar, e que foi substituido por um ministerio presidido pelo sr. Moret, que afinal conseguiu ver coroados os seus esforços, e podemos dizer as suas intrigas para chegar á presidencia do conselho. O que este ministerio sem prestigio e sem força vae ser, todos o sabem já: — uma simples ponte de passagem para o sr. Maura entrar outra vez em scena com os seus conservadores-clericaes. Ainda ao menos se o ministerio Moret podesse contar incondicionalmente com o apoio de todos os membros da maioria de Montero Rios, talvez conseguisse sustentar-se algum tempo. Mas não póde. Em primeiro logar os monteristas puros nunca perdoarão ao actual presidente do conselho as suas manobras, que por tanto tempo impediram a reorganisação do partido depois da morte de Sagasta. Além d'isso a extrema esquerda dos liberaes, com Canalejas á frente, não lhe perdoará agora a associação com Gasset e os villaverdistas. Na primeira occasião lh'o fará sentir, estejamos d'isso certos.

De modo que o actual governo hybrid-conservador será apenas um compasso de espera para a volta dos conservadores ao poder. Pobre Hespanha, que era bem digna de melhor sorte!...

Mais uma vez Guilherme II veio pôr-se em fóco por um d'esses discursos que n'elle já são legendarios, a que o mundo politico se acostumou de ha tempo a dar o competente desconto, mas que apesar d'isso não deixam de produzir sempre uma inquietação e um mal estar que se reflecte em todas as chancellarias. Agora a *houade* imperial foi a distincção feita no discurso da corôa e em pleno Reichstag entre potencias com as quaes a Allemanha mantem relações amigaveis e as potencias com as quaes mantem simplesmente relações correctas.

Escusado será dizer que n'esta ultima cathogoria devem ser incluidas a França e a Inglaterra. Mas que significa esta insistencia em apontar as duas nações occidentaes como as inimigas do imperio allemão? Não se percebe bem. Se é apenas um jogo para á sombra d'elle poderem passar no parlamento as novas medidas a respeito do augmento da esquadra, deve confessar-se que esse jogo é perigoso, porque afinal as nações visadas constantemente pelas ameaças imperiaes podem olhar essas ameaças a serio, e como de legitima defesa tomarem para sua salvaguarda as medidas que o caso requer.

Costa a acreditar como Guilherme II, que é um homem intelligente e illustrado, não vê o enorme erro que está commettendo com a sua politica anglophoba. Foi a sua inhabilidade diplomatica, que fez a aliança franco-russa. E é ainda a mesma inhabilidade que está transformando a *entente cordiale* n'uma verdadeira aliança entre a França e a Inglaterra. E depois queixa-se o principe de Bülow do isolamento da Allemanha! Pois como não ha-de ella estar isolada se ameaça todos e a todos faz reecer um acto qualquer aggressivo da sua parte?

Ao cabo de dez annos ininterruptos de governo em Inglaterra pediu a demissão o ministerio unionista presidido pelo sr. Balfour. De ha muito se previa esta eventualidade, mas ninguem a suppunha dever realizar-se antes das eleições geraes no proximo mez de fevereiro. Os ministros, porém, preferiram retirar-se voluntariamente, antes que o corpo eleitoral os tivesse condemnado. Foi um procedimento habil, porque pouparam uma derrota, e tiraram aos liberaes o ensejo de entrar no poder com o prestigio que dá sempre a victoria nas urnas. Foi chamado para constituir o novo governo Sir Henry Campbell-Bannerman, o *leader* dos liberaes, e antigo ministro no ultimo gabinete presidido por Gladstone.

A missão de sir Henry não é, porém, facil. Abstraindo do seu valor pessoal, comparado com o dos outros primeiros ministros inglezes, a divisão do partido liberal obriga-o a combinações que necessariamente hão-de enfraquecer a nova situação. A prova das difficuldades, que teem surgido para a constituição do ministerio, está na falta de noticias até agora da sua constituição definitiva, apesar de Sir Henry Campbell ter sido chamado ha perto de uma semana pelo rei Eduardo.

E' sobretudo a questão da Irlanda, que deve crear ao governo os principaes embaraços.

O *home rule*, como Gladstone o queria, nenhum dos eventuaes companheiros de Sir Henry o perfiha, e sem esse *home-rule*, ou outro parecido, jámais o governo poderá obter o apoio parlamentar do partido irlandez, que tão indispensavel lhe é para governar.



# Visita de S. M. a Rainha ao Lactario, em 4-12-905



Esperando a Rainha



Distribuição de leite



As mães premiadas



Depois da visita



Conselheiro Pedro Victor da Costa Sequeira

em Lisboa a 4-12-905

*Antigo deputado, governador civil, ministro das obras publicas o illustre engenheiro que acaba de fallecer distinguio-se toda a sua vida por um grande senso pratico que o tornou um administrador modelo. A sua gerencia de ministro ficou assignalada por rasgada iniciatica reformadora. Era administrador da casa real, par do reino, vogal do conselho superior de obras publicas e minas. Homem bom, intelligente e illustrado deixa da sua passagem pela terra um rasto de sympathia e de admiração.*



D. Segismundo Moret

*O actual Presidente do Conselho de Ministros de Hespanha é um antigo estadista, collaborador de Sagasta, e membro importante do partido liberal. E' alem d'isso um dos primeiros oradores de Hespanha depois de Emilio Castellar.*





**D. Amelia**, Companhia franceza Feraudy, Leconte, Laparcerie. — **D. Maria**, *Madame Caverlet*. — **Avenida**, *A Flor do Tojo* Trindade. — **Gymnasio**. — **Principe Real**. — **Colyseu dos Recreios**



Mais uma vez passaram ante os nossos olhos e sob os nossos applausos artistas de raça. Mais uma vez pisaram o palco de **D. Amelia** artistas consagrados pelo publico de Paris. Já agora a empresa d'essa linda casa de espectaculos tomou a peito a dignissima tarefa, que subiu ás proporções de uma missão civilisadora, de fazer convergir para esse palco privilegiado todos aquelles que no mundo da grande Arte a fama sagrou, popularisando-lhes os nomes e tornando os, pela irradiação do talento, como que nacionaes de todos os paizes.

Ainda hontem essa admiravel actriz que se chama Suzanna Després, e hoje artistas da envergadura de Feraudy e Maria Leconte, honra e gloria da *Comédie Française*, e de Cora Laparcerie, cuja formosura corre parelhas com a sua perfeita arte de representar.

Nunca desejamos fazer confrontos entre os nossos actores e os estrangeiros de nome, que nos visitem. O meio amplo, suggestivo, em que vivem e evolucionam os de lá de fóra, os modelos que se lhes offerecem, as compensações materiaes do seu trabalho, as consagrações dadas pelo publico e pela critica exigente, são outros tantos estímulos e incentivos para aperfeiçoarem e engrandecerem a arte que professam. Exigir dos nossos o mesmo, a mesma perfeição e os mesmos progressos, embora seja dotado um ou outro de notaveis recursos e excellentes aptidões, seria exigencia demasiada e até absurda. D'ahi o esquivarmo-nos sempre a estabelecer paridades impertinentes e deslocados confrontos. Mas nem por isso deixa de se nos affigurar um dever de boa critica o chamar a attenção de todos os nossos para a modelar interpretação que dão aos seus personagens os estrangeiros illustres que da arte de representar fizeram uma sciencia.

A adaptação absoluta aos caracteres, a perfeita assimilação de todas as qualidades que os constituem, a invasão triumphal — que a expressão seja permittida — na pelle do personagem, a eliminação consciente do proprio *eu* que se faz substituir despoticamente pelo *eu* da personalidade que se encarna, não deixando ver uma linha que lhe não pertença, um gesto que lhe não seja proprio, um traço que faça recordar outros ou do proprio interprete ou de outras figuras por elle creadas, eis o que levanta a arte a uma sciencia ou melhor a um sacerdocio, eis o que dá grandeza ao artista, eis o que pode fazer d'elle uma gloria nacional, como acaba de demonstrar o a pratica Inglaterra, que ainda ha poucos dias deu fóros de grande cidadão a Irwing, acolhendo com honras excepcionaes no Pantheon de Westminster os restos d'aquelle que déra alma e vida ás creações geniaes de Shakespeare.

Entre esses supremos cultores da arte, enfileira, sem duvida, Feraudy. É dos maiores, dos mais honestos, dos mais meticulosos, d'aquelles que mais direito conquistaram, não só á admiração, que é muito, mas ao respeito do publico, que é tudo.

N'essa vasta galeria de personagens que nos apresentou nunca o vimos nem reproduzir-se, nem armar ao gosto das plateias, nem

desmanchar, em um traço que fosse, as figuras creadas pelos actores. Desde essa admiravel figura de Isidore Lechat dos *Les affaires sont les affaires*, que abriu a série destinada a Lisboa, até ao Brichanteau, com que a fechou, que variada galeria de *typos*, que minucioso cuidado no delineamento de cada um, que comprehensão profunda, que perfectissimo acabamento!

No Faon, no Figaro, no Pegornas dos *Cubotins*, na *Notre Jeunesse*, em toda essa galeria, a sciencia consummada do actor creou *typos* que ficam no ouvido e na retina, porque são colhidos na sociedade, observados com rigor e reproduzidos com o sentimento da verdade e a arte de a interpretar fielmente.

Duas actrizes de grande valor: Marie Leconte e Cora Laparcerie fazem parte da companhia que é, diga-se de passagem, a mais completa que tem vindo a Lisboa.

Leconte é a graça feita mulher, a ingenuidade na sua expressão mais seductora, a candura, o espirito, a galanteria. Muito nova ainda, é já secretaria da *Comédie*, e isto bastaria para aquilatar-lhe o valor, que ella plenamente confirmou em Lisboa, ora dizendo admiravelmente os mais graciosos monologos, ora fazendo papeis difficeis com uma impecavel correcção. Cora Laparcerie é uma formosa mulher e uma actriz de talento. Entre os restantes artistas alguns ha de muito valor, e d'ahi o *ensemble* magnifico do desempenho em todas as peças que se representaram em Lisboa, deixando-nos a convicção de que quando os francezes querem representar bem não encontram quem os exceda nem quem os eguale.

Poucas novidades theatraes durante a quinzena. Deu-nos **D. Maria** a *Madame Caverlet*, de Augier, n'uma excellente e correctissima traducção de Manuel de Macedo.

É uma comedia antiga, muito litteraria, pouco theatral. É um grito a favor do divorcio, que alguns annos mais tarde foi attendido por Naquet.

Na distribuição couberam os papeis principaes a Joaquim Costa, Ferreira da Silva, Maia, Luiz Pinto, Augusta Cordeiro e Delphina Cruz, que viram nos applausos do publico a coroação do seu trabalho.

Abriu o **Avenida** com a opereta *A Flor do Tojo*, de Campos Monteiro, que a companhia de José Ricardo, regressada do Brasil, poz em scena com apparatuso luxo. Lá agradou muito, e em toda a parte; foi mesmo a peça que teve exito maior.

Da *mise-en-scene* cuidou José Ricardo, o guarda-roupa, da época, é rico e de bom gosto, e a musica, do maestro Milano, tem trechos magnificos de inspiração e melodia.

No **D. Amelia** o *Tiço Negro* prepara a entrada da *Venus* como a *Musa dos Estudantes* está na **Trindade** fazendo a transição para a *Bohemia*, arreglada por Eduardo Garrido. No **Principe Real** a *Feiticeira*, no **Gymnasio** a *Anastacia de Comp.* e no **Colyseu dos Recreios** numeros novos que de noite para noite duplicam a concorrência. Tal está sendo a vida theatral de Lisboa, que um benigno inverno favorece providencialmente.

JAYME VICTOR.